


MORIER-GENOUD, Eric

*Catholicism and the Making of Politics in Central Mozambique: 1940-1986*

Rochester: University of Rochester Press, 2019. 264 p. ISBN: 9781580469418\*

JOÃO MIGUEL ALMEIDA

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2020.10341>Instituto de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa  
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal  
 <https://orcid.org/0000-0003-1229-8337>

O livro de Eric Morier-Genoud analisa a relação entre Igreja católica e política no Moçambique central entre 1940 e 1986, procurando ultrapassar as limitações do que designa por «paradigma político». De um ponto de vista da relação com o poder político, a Igreja católica é caracterizada como uma “igreja do poder” entre 1940 e 1975 e, durante o período de transição para a independência, como uma igreja de *magisterium*, não comprometida com o poder político. Na perspetiva da sua organização interna, a Igreja Católica foi hierárquica, patriarcal, paternal, empenhada na conversão de africanos à cultura portuguesa de 1940 até à década 1960, quando este modelo começou a ser mudado por setores católicos mais alinhados com as reformas do Concílio Vaticano II. Após 1975, a igreja tornou-se menos clerical, mais africana, mais ministerial e profética, apoiando-se em comunidades de base e adotando um perfil que alguns designaram por a «igreja das palhotas».

Após uma introdução em que faz um «estado da arte» da sociologia da religião e dos modelos que propõe para a relação entre catolicismo e política, a construção da política católica é estudada em seis capítulos dedicados à edificação da diocese da Beira sob a liderança de D. Sebastião Soares de Resende (cap. I), à diversidade e dinâmicas da «Igreja imperial» (cap. II), à formação da «Igreja africana» (cap. III), ao turbulento encontro entre as reformas do Concílio Vaticano II e o nacionalismo africano (cap. IV), à descolonização (cap. V) e à revolução e contrarrevolução no período da independência (cap. VI). Um breve epílogo sintetiza as principais ideias.

Eric Morier-Genoud apresenta uma agenda de investigação que vai para além das questões habitualmente colocadas pelo «paradigma político», limitadas a averiguar se determinadas organizações e personalidades católicas estavam a favor ou contra o Estado colonial, a favor ou contra o poder no período de transição para a independência e nos seus primeiros anos; do lado do colonialismo ou do nacionalismo africano, de um império ou de uma igreja local, de uma fé partilhada ou de um imperialismo cultural. A historiografia sobre o império português introduziu um subtópico neste paradigma – a distinção entre a Igreja Católica, aliada do colonialismo português, e as igrejas protestantes, que teriam apoiado a formação de uma consciência política africana (esta visão foi matizada por autores como Benedict Schubert – *A Guerra e as Igrejas: Angola, 1961-1991*. Basel: Schlettwein, 2000).

O trabalho de Eric Morier-Genoud integra-se na investigação de vários autores nas últimas duas décadas que se afastaram do «paradigma político», colocando questões ausentes da agenda de investigação deste paradigma, como as das conversões, dos debates

\* Esta recensão foi escrita no âmbito do projeto de pós-doutoramento financiado pela FCT (SFRH/BPD/116189/2016).

---

intelectuais e da formação de identidade. O autor está interessado em saber qual o impacto que as organizações católicas tiveram na sociedade moçambicana *apesar* das suas posições políticas e *por causa* das suas posições políticas.

É considerado insuficiente para compreender a relação da Igreja Católica com a política a conceção desta instituição como vertical, homogénea, moldada de «cima para baixo». Esta é concebida como uma instituição completa, na qual as diversas ordens e congregações religiosas, atuando a um nível intermédio da instituição, colaboram ou concorrem entre si, influenciando a política católica quer num sentido de «cima para baixo», quer no sentido de «baixo para cima». Os bispos bem-sucedidos, de que é apresentado como exemplo de D. Sebastião Soares de Resende, são «gestores da diversidade católica» que não baseiam a sua ação pastoral nas suas convicções pessoais no campo político.

A divisão do clero católico na diocese da Beira nos anos de 1970 é analisada como não sendo só política, mas também teológica, incidindo sobre diferentes modelos de Igreja e de pastoral. Os diversos posicionamentos políticos e conceções eclesiológicas não se refletiam diretamente nas taxas de conversão de africanos. A hipótese de que o clero «progressista» teria mais êxito (interpretação adotada por Pedro Ramos Brandão em *A Igreja Católica e o "Estado Novo" em Moçambique, 1960-1974*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004) não é confirmada pelas fontes. Os padres brancos (neste texto a expressão «padres brancos» é usada, por ter este uso corrente, para designar a Sociedade dos Missionários da África, da Igreja Católica, fundada em 1868 por Dom Charles Lavigerie, arcebispo de Argel) e os padres de Burgos, ambos favoráveis à independência, sendo os segundos adeptos da teologia da libertação, não convertiam mais africanos do que os franciscanos, mais favoráveis ao império português. Esta constatação deve-se a diferenças na definição dos objetivos e das estratégias: os franciscanos procuravam batizar o máximo de pessoas possíveis e os padres brancos queriam formar uma pequena elite católica comprometida com a fé.

A crise da Igreja Católica em Moçambique na década de 1970 revelou não só diferentes níveis de autoridade no interior da Igreja, mas também diferentes centros de poder a cada nível (p. 2). Foi também uma crise de crescimento pois, segundo o autor, apesar da Igreja Católica auto legitimar a sua presença no território invocando uma presença secular, foi entre 1940 e 1986 – os marcos cronológicos do livro – que se tornou uma instituição completamente organizada e autónoma.

A Igreja Católica é concebida como uma *formação histórica* cujo *trajeto histórico* é analisado. Esta formação histórica, como qualquer outra, não é nem o resultado da simples ação de «grandes homens» nem de «estruturas», é uma interação entre «possibilidade e constrangimento», nos termos de Fred Cooper (Possibility and constraint: African Independence in historical perspective. *Journal of African History*. 49: 2 (2008) 167-96). A Igreja Católica, no período em causa, agiu no interior de estruturas formadas pelo colonialismo, capitalismo e socialismo autoritário, o que não a impediu de também influenciar as estruturas que a constroem. Os católicos, sendo constroídos pelos acordos entre a Igreja Católica e o Estado e a cultura católica não deixaram de ser simultaneamente atores e agentes, ou «agentes estruturais», na expressão de Christopher Lloyd (*The Structures of History*. Oxford: Blackwell, 1993).

A História não é pensada pelo autor como a soma de ações individuais, como os teóricos da escolha racional declaram, mas como o resultado da interação intencional e não intencional entre agências e estruturas, com «derivações criativas», no termo de Jean-François Bayart (*Comparing from below. Sociétés Politiques Comparés*. 1 (2008) 1-25; *Fait missionnaire et politique du ventre: Une lecture foulcaldienne. Le Fait Missionnaire*. 6 (1998) 9-38; *The State in Africa: the politics of the belly*. London: Longman, 1993).

O autor distingue entre a «Igreja imperial», implementada a partir do exterior de Moçambique, e a «Igreja africana», enraizada na sociedade africana. Estas duas Igrejas não se sucederam numa linha cronológica quebrada pela declaração de independência, coexistiram, desde cedo, senão desde o início, numa relação desigual.

A Igreja Católica, além de ser uma instituição multifacetada, desenvolve uma relação com a política que não pode ser compreendida apenas numa perspetiva *vertical*, ou seja, focada nas tomadas de decisões pelo Papa e bispos, a sua aplicação pelo clero e irmãs e o acatamento ou resistência a estas decisões pelos leigos. Nesta perspetiva, qualquer oposição às diretrizes é encarada como «dissidência» ou «desvio». Seria o caso do clero progressista em Moçambique, visto como exceções numa instituição comprometida com o colonialismo. Outros, partindo dos pressupostos de uma igreja «vertical», percecionam as diferenças internas ao catolicismo como manifestações de estratégias ou conspirações de parte da hierarquia.

Esta visão de uma Igreja vertical desvaloriza a sua complexidade interna e a autonomia de organizações católicas (congregações, ordens e sociedades). Os líderes destas organizações respondem diretamente ao Vaticano. Ao nível da diocese, os elementos de uma congregação respondem quer ao superior dessa congregação, quer ao bispo, sendo a área de competência de cada um, geralmente regulada por um acordo.

Para esclarecer o lugar das congregações na Igreja Católica, Eric Morier-Genoud recorre a algumas reflexões de Max Weber (*Sociologie des religions*. Paris: Éditions Gallimard, 1996), pouco citadas, sobre a «natureza dual» da Igreja Católica, a partir da distinção entre «hierocracia» e movimentos carismáticos. Uma hierocracia é uma comunidade institucionalizada em que um grupo detém o poder de dominação baseado no monopólio para dispensar bens de salvação. Implica o desenvolvimento de um corpo clerical profissional que define o dogma, racionaliza o culto e cauciona os escritos sagrados. A grande ameaça às hierocracias são os movimentos carismáticos.

O que distingue a Igreja católica de outras igrejas cristãs é que muitos movimentos carismáticos que surgiram no interior do catolicismo não se separaram, formando novas igrejas, mas institucionalizaram-se no interior da Igreja Católica como ordens ou institutos de vida consagrada.

Eric Morier-Genoud visa apreender o papel das congregações religiosas, analisando a sua influência social e política quer através da sua ação no terreno, quer através da intervenção dos seus elementos nas estruturas diocesanas e no Vaticano.

O primeiro bispo da Beira, D. Sebastião Soares de Resende, foi uma figura determinante na construção da diocese. Pertencia à geração formada nas décadas de 1920 e 1930, o período de maior tensão entre catolicismo e o republicanismo. O autor caracteriza-o como um bispo ultramontano, neotomista e nacionalista. O adjetivo ultramontano não é usado

---

com uma conotação de «reacionário», mas num sentido equivalente ao de «romano»: tomava o papado como a referência central da Igreja Católica. O ultramontanismo de D. Sebastião Soares Resende era potencialmente contraditório com o seu nacionalismo e a sua evolução é no sentido de, após uma tentativa de conciliação entre estes dois filões católicos, a partir de 1958, afirmar a prioridade da sua fidelidade a Roma como símbolo do caráter transnacional do catolicismo. O seu neotomismo colocava-o numa posição crítica em relação à modernidade, mas também o levava a procurar cristianizar o mundo moderno em vez de o rejeitar. Levava-o também a promover a doutrina social da Igreja Católica. Um terceiro aspeto do neotomismo era apoiar a democracia-cristã como forma de intervenção política dos católicos.

D. Sebastião Soares de Resende não era apenas um homem de pensamento, mas também de ação, um organizador. Quando se tornou prelado definiu uma estratégia para fortalecer a Igreja Católica numa diocese onde a população católica correspondia apenas a 1,9 por cento em 1943, recrutando missionários e fundando missões. Apesar da Concordata privilegiar o recrutamento do clero português, a escassez de missionários e a extensão do território justificaram os contactos com ordens religiosas internacionais com uma forte componente estrangeira ou totalmente constituídas por estrangeiros.

A liderança de D. Sebastião Soares de Resende é definida como «inclusiva e transformacional», no que se distinguia no modo de exercer o poder dos outros bispos de Moçambique.

A formação do catolicismo em Moçambique, no entanto, não pode ser compreendida apenas na perspectiva das lideranças episcopais e dos métodos pastorais das ordens religiosas. Os africanos, por vezes mesmo comunidades africanas inteiras, desempenharam um papel relevante na conversão ao catolicismo.

As relações entre Estado e Igreja Católica conhecem uma viragem em 1958, o ano em que Humberto Delgado se candidata a Presidente da República. Além das eleições presidenciais, outros acontecimentos marcantes sucedem-se por volta desta data: na sequência do Movimento dos Não Alinhados, criado em 1956, o colonialismo português é levado à ONU em 1957, uma série de países africanos tornam-se independentes e os Estados Unidos retiram o seu apoio a Portugal; João XXIII é eleito Papa; uma nova atitude missionária, que ganhara fôlego após o final da II Grande Guerra, ganha um reconhecimento crescente no Vaticano e será consagrada no Concílio Vaticano II.

O pontificado de João XXIII reforça a perspectiva de que o propósito missionário não era mudar as fés e cultura de povos colonizados, associando cristianização e civilização. O propósito era «cristianizar» as tradições africanas. A nova missiologia influenciou diretamente a maioria dos missionários estrangeiros em Moçambique. Entre os missionários portugueses as atitudes variaram entre a aceitação, a resistência e a procura de compromissos.

O «espírito do Vaticano II» implicava a dissociação entre a cristianização e um projeto de «portugualização» das colónias africanas e tornava possível o apoio de católicos ao movimento nacionalista.

No final da década de 1960, a Igreja Católica estava em crise nas dioceses da Beira e de Tete, por diversas razões: D. Sebastião Soares de Resende faleceu em 1967 e o seu sucessor, D. Manuel Ferreira Cabral fracassou na gestão dos conflitos na diocese, apoiando-se na

ordem dos franciscanos, mas afastando-se de outros setores do clero; no mesmo ano a Frelimo relançou a guerra de libertação em Tete; a «primavera marcelista», a partir de 1968, gerou expectativas que não logrou satisfazer.

As diferentes razões no interior da Igreja Católica entraram em conflito em torno de uma figura episcopal, D. Manuel Vieira Pinto, arcebispo de Nampula desde 1967 e administrador da diocese da Beira após julho de 1971. O prelado, alinhado com as reformas do Concílio Vaticano II e considerando necessário tomar posição pública sobre a situação da Igreja Católica em Moçambique após a saída dos padres brancos, incentivou a elaboração de um texto intitulado «Mensagem do Conselho Presbiterial da Beira», o qual também subscreveu, em que denunciava os compromissos eclesiais com o Estado colonial. A publicação do documento levou a uma deterioração das relações de D. Manuel Vieira Pinto com as autoridades estatais portuguesas e a ordem dos franciscanos. O conflito do regime com o arcebispo de Nampula foi-se agravando até à sua expulsão, juntamente com onze missionários combonianos, de Moçambique em fevereiro de 1974, um caso sem precedentes na História da colonização portuguesa.

As mudanças políticas e sociais foram acompanhadas por uma profunda mudança eclesial na sociedade moçambicana e na diocese da Beira – em 1975, dois terços dos missionários tinham partido; o número de catequistas caiu de 538, em 1974, para dez, em 1980; o clero moçambicano africanizou-se – em 1983 os moçambicanos já representavam metade do clero católico. Neste contexto, a Igreja católica sobreviveu e ressurgiu a partir de comunidades de base. A hierarquia apoiou esta dinâmica em que muitas funções até então desempenhadas por padres passaram a sê-lo por leigos.

A relação da Igreja Católica com a política é analisada a partir das perspetivas horizontal, vertical e lateral, mostrando diversos aspetos da instituição eclesial: a diversidade interna e a descentralização na tomada de decisões pelas congregações religiosas; a influência das ordens religiosas na tomada de decisões quer a nível do vaticano, quer a nível diocesano; a influência mútua entre ordens religiosas, discutindo teologia e métodos pastorais em encontros diocesanos, sínodos e organizações, integrando representantes das diversas congregações.

A diocese da Beira, sobre a qual incide o livro passou de voz dissidente durante o período colonial para exemplo de vanguarda de uma Igreja Católica que se tornou dominante após 1977, abrindo caminho à possibilidade de mediação entre os agentes da guerra civil moçambicana por responsáveis católicos.